

RIO DE JANEIRO: UMA CIDADE SOB O OLHAR FEMININO

Maria de Lourdes de Melo Pinto
UNESA/ UFRJ (doutoranda)

Existe uma história africana contada por muitos griôs sobre um ancião e um baú, chama-se Baú de Anansi (aranha). Um dia, o herói, temendo pelo futuro de sua tribo, decide partir em uma aventura que prometia tesouros inimagináveis; teceu uma longa trama do chão ao céu e foi ter no castelo de um gigante de voz tonitruante e comportamento ardiloso, que lhe conferiu três trabalhos que testassem resistência, inteligência e honra.

Como todo herói que se preza, Anansi veio a vencer cada uma das provas que lhe foram demandadas, retornando ao palácio para receber seu prêmio de direito. Muito espantado, o gigante não acreditava que um velho, enfraquecido por agruras de uma vida miserável, pudesse ter-se saído tão bem nas provações em que outros tantos tombaram. Por isso mesmo, após a estupefação inicial, decidiu entregar-lhe seu maior tesouro – um baú –, recomendando-lhe apenas que só o abrisse quando chegasse ao centro da aldeia.

Anansi, apesar da curiosidade e imaginando todos os possíveis tesouros que ali estariam, desceu pela trama, alcançando sua aldeia. Qual seu espanto, quando, ao abrir a tampa, pularam de lá as mais lindas histórias, que saíram correndo e se espalharam pelos quatro cantos do mundo.

Descobrimos um baú de Anansi contemporâneo, nas caixas de microfilmes da Biblioteca Nacional e de lá apareceram palavras escondidas pelo tempo, mas ainda fortes o suficiente para nos encantarem e instigarem e, quem sabe, poderem ganhar os quatro cantos do mundo. Os papéis encontrados são o tesouro legado pela Sra. Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, autocognominada *Chrysanthème*, cronista de prestígio no período da *Belle Époque* e esquecida, como inúmeras, pelos registros ditos oficiais.

Ao revolver os papéis de *Chrysanthème*, fomos encontrando histórias as mais diversas: jocosas, descritivas, irônicas, mordazes, aguerridas, pretensamente humildes, uma mescla de

procedimentos e impressões sobre seu momento e os personagens com quem viesse a travar contato. Estabelecido, assim, delicioso registro sobre as situações tão peculiares do universo carioca das primeiras décadas do século passado.

Pela brevidade exigida neste trabalho, optamos por restringir a observação a alguns textos do jornal *O Paiz*, uma maneira também de levá-los a enredarem-se pela autora, tornando-se desejosos por outras histórias... Convém, no entanto, informá-los de que, além da face-ta cronística desenvolvida naquele diário, escreve colunas regulares em inúmeros outros periódicos: o *Correio Paulistano*, o *Diário de Notícias*, a *Gazeta de Notícias*, o *Mundo Literário* e *Ilustração Brasileira* são apenas alguns dos locais em que mantém publicações freqüentes. Além dos trabalhos já citados, colabora, também, com revistas literárias, femininas ou não, e publica 16 títulos; dentre eles há contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro, crítica literária e tradução, além das diversas conferências proferidas nos salões da época. Farto material produzido ao longo de sessenta anos praticamente inédito. Consta, também, de nosso levantamento, a encenação de uma de suas peças no Teatro Regina pela Companhia de Eugênia e Álvaro Moreyra.¹

Cecília nasce no Rio de Janeiro, em 1870; *Chrysanthème*, de uma inspiração francesa, o romance de Pierre Loti, de 1887; mas, o termo “bulhenta”², como o Sr. Humberto de Campos a alcunha, parece-nos um reflexo da carioquice que assume ao retratar a cidade que tantas vezes tornará personagem ou cenário. Inicia-se na vida literária pela mão da genitora, Carmem Dolores, como colaboradora de *O Paiz*, jornal em que permanecerá entre 1914 e 1937.

Revisitadas, após tantos anos, suas críticas mantêm a força e a atualidade dos primeiros tempos, a saber: má distribuição *per capita*, coqueterias dos extratos sociais mais abastados, miséria, seca, condições femininas e valorização social, reforma educacional, guerras,

¹ MAGALHÃES JUNIOR, R.: 1959, p. 50

² CAMPOS, H.:1951, p. 57

desemprego, fome, descaso para com a cultura nacional, (má) infra-estrutura das cidades, transformação do espaço urbano são alguns dos assuntos explorados por esta senhora no início do século XX.

A Autora conhece o (sacro)ofício da escrita e dele se mantém, engrossando as fileiras dos que vieram a se profissionalizar nesta área. Esse dado, inicialmente desnecessário, ratifica-se no texto, ao apontarmos para uma das características primeiras desta escritora – a observação atenta a tudo que a circundasse, não se permitindo a alienação, para melhor servir a seus leitores. Como pode-se averiguar pelos trechos selecionados a seguir, em que a coluna se ratifica como um espaço de questionamento ao que estivesse sendo acompanhado pela sociedade. Destacamos duas crônicas para podermos estabelecer sua linha de raciocínio sobre o *modus galantis* que alguns decidiram imputar à Capital:

Contudo

O Rio principiava a civilizar-se, lentamente, é verdade, mas ia, afinal, civilizando-se, tendo enxotado para longe o fantasma sinistro da febre amarela, que por tanto tempo enegreceu o nosso lindo céu azul e fez da nossa Pátria o terror do estrangeiro.³

Reina grande confusão entre o mundo elegante, a fim de saber se a moda de hoje é bela ou deselegante. Rio-me sempre que leio ou ouço essa discussão, porque julgo, de mim para mim, que a moda nunca é feia nem bonita, mas que, simplesmente, depende da elegância ou do modo de pensar de quem a usa. Que é a beleza, finalmente? Nada mais difícil de definir-se e nada mais variável. Segundo Platão, a beleza é a imagem da divindade, e, segundo Aristóteles, um conjunto de ordem, de grandeza e de unidade. Wolf e Baumgarten acreditam que a Beleza é a perfeição que produz sensações agradáveis e Uchastasio declara que não há beleza absoluta em ninguém nem em nenhuma arte. Como vêem, a beleza é tão variada nas suas definições como as sensações que procura. (...) É preciso, entretanto, que a cultura do espírito acompanhe a beleza, porque, senão, esta seria de uma estátua sem vida e sem fulgor.

Quando conversamos com uma mulher culta, sentimos que a sua sedução é duplicada quando ela trata de um assunto inteligente que a interessa, porque lhe brilham os olhos, se lhe animam as faces e todo o seu corpo desprende fluidos possantes e sugestivos.⁴

³ CHRYSANTHÈME: 28 jun. 1914, p. 2.

⁴ Idem 15 jun. 1914, p. 2.

Percebe-se pelos trechos destacados que nossa escritora mantinha-se informada das várias tendências de sua época e sobre elas refletia criticamente. Ao lado das vanguardas feministas, defendia a figura da mulher desde que aliada a uma constante busca por melhores condições de aperfeiçoamento; ao lado da população em geral, aguardava cautelosamente as transformações desta Paris Tropical, buscando não se deixar apenas seduzir pelas modernidades empreendidas que se configuravam no panorama da cidade do Rio de Janeiro.

Nossa escritora já sabia, também, naquele momento, que um dos caminhos mais acertados para a inserção da mulher nos espaços públicos era a sua profissionalização e, acima de tudo, a sua competência e brilhantismo à frente da consecução nas tarefas assumidas. O ideário feminista do período, em geral, desejava empreender transformações a médio e longo prazos; e, estando as mulheres à frente das salas de aula, por exemplo, poder-se-iam paulatinamente inculcar às novas gerações tendências menos retrógradas e com isso modificar as estruturas sociais estagnadas. “*É preciso agora fazer o cidadão.*”⁵

No entanto, não venham a querer-lhe mal, era uma estrategista a nossa escritora e, para permanecer à frente de suas colunas, criava habilidosamente jogos de mostrar-esconder: suas declarações mais incisivas eram quase sempre apresentadas em corte oblíquo, buscando cifrar suas mensagens para que o leitor não a abandonasse, ao mesmo tempo em que o mais curioso pudesse ser instigado a seguir-lhe os passos. O tema do trabalho feminino, por exemplo, era desenhado às vezes de forma dissimulada, às vezes de maneira categórica, apontando que a inteligência das mulheres tudo poderia alcançar se assim o desejasse:

Na Europa, a mulher já imperou, já venceu, já provou ao homem que ela trabalha tão bem ou melhor do que ele, com mais energia talvez, com mais coragem, certamente. Aqui, os homens duvidam ainda da inteligência e do valor femininos e, nessa dúvida, exploram-no e mercadejam-no.

Mesmo na roda de imprensa, quantos sorrisos desdenhosos e sarcásticos tenho eu percebido em lábios masculinos, quando, impávida e com audácia, segundo o pessoal dessa roda, eu declaro que escre-

⁵ CHRYSANTHÈME: 6 dez.. 1915, p. 2.

vo sobre outras coisas, que não modas ou amores! Como se vê, a área que os homens descrevem em volta do poder feminino é muito limitada e demarcada. Eles não se acostumaram ainda aqui à idéia de que mulheres há muito superiores a muitos homens e capazes de mostrar-lhes, apesar de todo o seu orgulho, o caminho do dever, do talento e da capacidade no trabalho.

Entretanto, como geralmente são eles os que têm nas suas mãos os empregos e os ordenados, vingam-se nesses últimos de todo o desdém e inveja que lhes merece a mulher que ombreia com eles, que precisa deles para o bem fazer e que trabalha como talvez eles nunca trabalhassem.⁶

Nessa última crônica, fica patente que a autora não se intimidava com nenhum assunto, mesmo os ditos tabus, como, por exemplo, o que abordaremos em seguida, o matrimônio, profissão historicamente imputada à mulher. Para tratar deste tema, escolhe o viés cômico, muito freqüente em sua produção:

O casamento sempre foi um círculo vicioso e, o moderno, então, um espetáculo curioso para os nubentes, as testemunhas, o juiz e o povo. Atualmente, marcado o ato meses ou anos antes, não raro deixa de comparecer o noivo ou a vítima. E os convidados, nas suas *toilettes* de gala, esperam em vão pela cerimônia ou pela subida da tela, que lhes mostrará os heróis, decididos a suportar juntos a vida cara, o pão mesquinho, o calor e o frio.⁷

Chrysanthème, ao contrário de corroborar com a manutenção das estruturas, ousa transgredi-las, afirmando que “o orgulho da mulher não consistirá nunca em tornar-se a bonequinha exibitiva de um realejo de sociedade, mas, sim, em produzir, em ser útil, em ter, enfim, uma vida pessoal e inteligente. (...) Deixem que os homens riam e que as mulheres fúteis dançam... *Rira bien qui rira le dernier!*”⁸

Entretanto, ao mesmo tempo em que *Chrysanthème* se entrega ao compromisso com os direitos trabalhistas femininos na cidade, evitava compactuar com todas as propostas que surgissem do movimento, como o voto, por exemplo. Postura que algumas militantes mais aguerridas não viam com bons olhos. O que não se reconhecia na época era que a prática política,

⁶ Idem: 29 set. 1919, p. 4.

⁷ CHRYSANTHÈME: 17 out.. 1917, p. 2.

⁸ Idem: 29 set 1919, p. 4.

para a escritora, estava no trabalho continuado e não em discursos inócuos. Hoje, distanciadas, percebemos que ela estava mais preocupada com o que determinados poderes fariam do despreparo em que se encontravam muitas de suas contemporâneas, facilmente influenciáveis, mesmo que declarando-se extremamente independentes.

Não ignoro a irritação que desperto em alguns corações femininos divergindo, como o faço sempre da opinião corrente que quer empurrar a mulher, com demasiada precipitação, para a igualdade dos sexos, para as urnas, quando esta se acha ainda sem preparo, entre leis mal formadas para ela e sem a proteção de uma personalidade forte. Eu sofro de um mal sem cura e que na nossa terra, de embriaguez constante, causada pela exuberância da nossa natureza e perfume da nossa atmosfera, se torna imperdoável. Tenho horror às palavras belas e pomposas, pululantes no nosso cantante idioma, mas tão desprovidas de sentido e de sinceridade que ecoam no ar como vistosos foguetes sem bomba. Não, eu não sou feminista, (...) se feminismo significa a entrada da mulher na arena política, arena de cobiça e de desfalecimentos de caracteres.⁹

Polêmica, não se furtava a encetar posições questionáveis, mas tão pouco esmorecia diante das situações que se apresentassem fossem sobre mulheres ou não. Como, por exemplo, a Primeira Guerra Mundial, sobre a qual escreve várias crônicas, tentando alertar os brasileiros de que o país não deveria entrar na guerra, fruto de um senso de nacionalismo ímpar. Ela não compreendia por que os brasileiros deveriam sacrificar os seus por uma disputa tão distante. A leitura dela sobre a situação da nação é muito coerente, pois percebe com clareza o olhar do Brasil em relação a Paris. Nosso país estava a favor da liberdade e da democracia, como apregoavam alguns; queria, sim, salvar o Sena às custas do Danúbio. Mas quem ouviria suas reclamações nacionalistas em um tempo de extrema valorização do estrangeiro? Os estudos que questionam o eurocentrismo passaram a estar em voga nas últimas décadas do século XX; naquela época, qualquer descompasso em relação à Europa, especificamente a Paris, não era visto com os melhores olhos. Assim, suas palavras não encontraram eco e lá se foram nossos bravos combatentes...

⁹ CHRYSANTHÈME: 17 out. 1917, p.2.

Após ter perdido a batalha contra a participação brasileira no conflito, *Chrysanthème* resolve mudar de foco, passou a desafiar seus pares, aproveitando cada oportunidade para fazer ver aos nossos patrícios que mais prementes eram os problemas daqui. Pessoas estavam morrendo de fome nas ruas; crianças órfãs esmolavam ou cometiam pequenos furtos; alguns, sem destino, fugiam da seca; outros tantos viviam nos esgotos da cidade; sem falar da onda de suicídios e assassinatos, sintomas da agressividade generalizada. Este era o Rio de Janeiro que todos se negavam a ver e o qual a cronista insistia em retratar com as cores (fortes) que achava necessárias.

Ela não conseguia levar sua pena somente a caminhadas pela Boulevard ou pelo Passeio Público. Andava pela cidade, como manda a legítima tradição do *flâneur*, mas buscava os tipos mais excêntricos como modelos de sua descrição: aqueles que, de alguma maneira, tivessem sido colocados à margem. Como os alemães que residiam no Brasil, por exemplo, e que passaram a não ser benquistos graças à Guerra.

Antes de a História passar a revelar o outro lado dos relatos oficiais, a voz dos vencidos, *Chrysanthème* já fazia afirmações muito equilibradas sobre a guerra e seus diferentes pontos de vista:

Todas as nações em guerra cometem as mesmas atrocidades impostas pela embriaguez das batalhas e pela enervação que se apodera dos soldados, frente à morte, durante longas horas. Os aliados as têm cometido, assim como os alemães. Não ficam devendo nada uns aos outros.¹⁰

Entretanto, tais palavras não encontravam ecos entre nós: estavam todos sensibilizados com a Cidade Luz apagada, para se enternecerem com os feridos do outro lado. Ainda não era o tempo em que se ouviriam as duas (ou as várias) histórias das diferentes facções. À autora, restava-lhe insistir em suas posições e manter-se combativa, mesmo não sendo considerada sua conduta *smart*. Criticar a hipocrisia dos brasileiros que negavam auxílio aos seus, mas se

¹⁰ *Chrysanthème*: 2 ago. 1915, p. 3

consumiam em festas beneficentes em prol dos aliados não era comportamento para uma senhora...

Não obstante fosse conhecida pelas posições belicosas, *Chrysanthème* mantinha o distanciamento suficiente para cultivar o riso, recorria ao humorístico com bastante frequência, ora se ligando à sátira com o seu tom de ataque explícito, ora se imiscuindo sutilmente pela ironia, práticas, ambas, denunciatórias. No trecho a seguir, testemunhamos um exemplo desse humor:

O *pierrot* (...) – Então, estiveste em Petrópolis, hein, felizardo? Então estamos bem de dinheiro?

O leão (vaidoso) – Naturalmente, porque de outra maneira não poderia ir a Petrópolis, que se tornou este ano, mais do que nunca, o *rendez-vous* da nossa aristocracia acalorada.

(...)

O *pierrot* (...) – Mas deixa-me dizer-te que és magnífico caloteiro. Vais para Petrópolis, gastas em divertimento e os teus pobres credores choram aqui, enquanto tu te divertes, hein, maroto?

(...)

O leão (...) – Que queres tu de mim?

O *pierrot* (...) – Queria cem mil réis do conto de réis que me pediste emprestado e que até agora esqueceste de me dar.¹¹

Faz rir as gentes, faz pensar a outros tantos, mas se preocupa em balouçar entre críticas acirradas, devaneios açucarados e risos de salão, para não afugentar quem mais lhe interessa: o público. Percebe-se uma consciência da autora sobre a importância da presença do leitor para a manutenção de sua produção, seja como consumidor, seja no papel de interlocutor. Confirma, enfim, com o seu vai-e-vem temático, saber que a profissionalização do escritor nesta República das Maledicências depende do consumo diário do jornal e da repercussão que ele terá nas rodas de leitura. Não nos deparamos enfim com uma *Chrysanthème*, encontramos inúmeras e, nesta rodas de leitura, o espaço a ela reservado não nos permite incursões mais alongadas. Aguardemos, pois, a próxima história...

¹¹ Idem: 15 fev. 1915, p. 2

BIBLIOGRAFIA

- BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio / Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.
- CAMPOS, Humberto. "Literatura doméstica" . In: ----- *Crítica*; primeira série. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1951. p.271-284.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. *A república dos sentimentos*; revista Única (1925-27) o espaço feminino no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Coordenação dos Cursos de Pós-graduação em Letras, 1997. [Tese de Doutorado em Literatura Comparada. mimeo.]
- PINTO, Maria de Lourdes de Melo. *Do privado ao público*; a (des)construção do discurso engenhoso patriarcal em crônicas escolhidas de Chrysanthème (O Paiz –1914 a 1937). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Coordenação dos Cursos de Pós-graduação em Letras, 1999. [Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. mimeo.]
- RESENDE, Beatriz et alii. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/ CCBB, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- VASCONCELOS, Cécilia B. de M. Rebelo de. *Crônicas em O Paiz*. 1914-1937. [Chrysanthème]